



ENSINO DE LÍNGUA(GEM): UM ENCONTRO COM/ENTRE IDEIAS DE PAULO FREIRE E MIKHAIL BAKHTIN¹

Maria Emília Cavalcante Silva²
Yasmin Rayane Mariz da Silva³
Ilderlândio Assis de Andrade Nascimento⁴

RESUMO

Este estudo coloca em evidência o ensino de língua(gem), considerando aspectos como a interação professor e aluno, as concepções de língua(gem), os movimentos dialógicos que perpassam as práticas de ensino, entre outros. Nessa perspectiva, o trabalho objetiva estabelecer um encontro com/entre as ideias de Paulo Freire e Mikhail Bakhtin, mais precisamente a partir das obras *A importância do ato de ler: três artigos que se completam* de Freire (1989) e *Questões de estilística no ensino da língua* de Bakhtin (2013). Metodologicamente, este estudo se caracteriza como uma abordagem qualitativa e interpretativa, pois o foco da análise consiste em estabelecer/aproximar/construir relações entre/com as vozes/discursos/pontos de vista dos dois pensadores supracitados. A partir da leitura dos dois textos analisados, este artigo destaca seis pontos de aproximação entre as ideias de Paulo Freire e Mikhail Bakhtin, a saber: (i) a relação entre professor e aluno; (ii) a gramática e a produção textual do aluno relacionada com a sua realidade e seu contexto; (iii) as críticas à mecanização do ensino; (iv) a concepção de leitura e escrita; (v) a palavra como cenário e mundo e a profundidade no ensino. Os resultados deste trabalho orientam os professores para práticas de ensino diretamente ligadas à pesquisa, à interatividade, priorizando metodologias que promovam o desenvolvimento pleno das capacidades dos estudantes.

Palavras-chave: Ensino, Língua Materna, Paulo Freire, Mikhail Bakhtin.

INTRODUÇÃO

Paulo Freire e Mikhail Bakhtin são importantes pensadores que contribuíram, cada um ao seu modo e dentro de realidades diferentes, com as discussões acerca das práticas de ensino e suas implicações na aprendizagem. Falar sobre esses estudiosos implica compreender as relações existentes entre as suas vivências e suas trajetórias acadêmicas, que resultaram nas defesas contra e a favor de determinadas concepções e na construção de noções/conceitos/ideias/pontos de vista importantes para o ensino de língua. Desse modo, este

¹Este estudo é resultado de discussões desenvolvidas durante a execução do projeto de extensão “Ensino de produção de texto no Ensino Fundamental I”, vinculado ao Departamento de Educação (DEDUC) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, *campus* Caicó-RN, com apoio da PROEX/UFRN.

²Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, memlia2010@hotmail.com;

³Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, marizyasmin@gmail.com;

⁴ Professor orientador: Doutorado em Linguística, docente do Departamento de Educação (DEDUC) do Centro de Ensino Superior do Seridó (CERES/UFRN), ilderlandion@gmail.com.



artigo propõe uma aproximação entre esses os pensadores, ressaltando a relevância de discutir a língua como instrumento de interação social e seu ensino pautado no diálogo e nas produções textuais em situações reais/concretas de convívio social.

Para estabelecer um diálogo entre/com as ideias de Paulo Freire e Mikhail Bakhtin, neste artigo, empreende-se uma leitura das seguintes obras: *A importância do ato de ler: três artigos que se completam* de Freire (1989) e *Questões de estilística no ensino da língua* de Bakhtin (2013). Metodologicamente, este estudo se caracteriza como uma abordagem qualitativa e interpretativa, pois o foco da análise consiste em estabelecer/aproximar/construir relações entre/com as vozes/discursos/pontos vista dos dois pensadores supracitados. A partir da leitura dos dois textos mencionados, destacam-se alguns pontos de aproximação entre as ideias de Paulo Freire e Mikhail Bakhtin, sendo eles: (i) a relação entre professor e aluno; (ii) a gramática e a produção textual do aluno relacionada com a sua realidade e seu contexto; (iii) as críticas à mecanização do ensino; (iv) a concepção de leitura e escrita; (v) a palavra como cenário e mundo e a profundidade no ensino. Os resultados deste trabalho orientam os professores para práticas de ensino diretamente ligadas às práticas de pesquisa, priorizando metodologias que incentivem o desenvolvimento pleno das capacidades dos estudantes.

REFERENCIAL TEÓRICO

Paulo Freire e Mikhail Bakhtin: notas introdutórias

As biografias de Paulo Freire e Mikhail Bakhtin mostram que as ideias que defenderam/divulgaram surgiram dos diálogos, de vivências e de trajetórias. Desse modo, ao estabelecer o diálogo entre as ideias desses autores, é possível compreender suas defesas contra e a favor de determinadas concepções e a criação de conceitos importantes para o ensino de língua. Os dois estudiosos pertencem a realidades diferentes, embora tenham compartilhado as tensões e as ameaças de discursos centralizadores e opressores dos meados do século vinte.

O primeiro, Paulo Freire, o Patrono da Educação brasileira, nasceu em Recife/PE, em 19 de setembro de 1921. Sua trajetória de vida, além de suas obras, foi marcada por lutas em favor dos oprimidos. Na biografia escrita por Ana Maria Araújo Freire (1996), ela relata as dificuldades sofridas por Paulo Freire em sua infância, muitas delas na cidade de Jaboatão, que passa pela perda do pai aos 13 anos e a falta de recursos para estudar. Em Jaboatão, Paulo Freire vivencia as dificuldades das classes desfavorecidas, cresce com o desejo de



transformação da sociedade contra as injustiças e se apaixonou pelos “estudos das sintaxes popular e erudita da língua portuguesa” (ARAÚJO FREIRE, 1996, p. 30).

Segundo Araújo Freire (1996, p. 28), Paulo Freire começou a leitura da palavra com o acompanhamento de sua mãe, “escrevendo palavras com gravetos das mangueiras, à sombra delas, no chão do quintal da casa onde nasceu”. Concluiu a escola primária em Jaboatão e os estudos secundários, com bolsa de estudos, no Colégio Oswaldo Cruz, em Recife. Ele ingressa, aos 22 anos de idade, na Faculdade de Direito do Recife. Conforme afirma a autora supracitada, sua escolha de curso ocorreu devido ser a única oferta na área de Ciências Humanas e por não ter em Pernambuco, na época, curso superior de formação de educador. Nesta direção, dedicou sua vida e seguiu seus trabalhos na área da educação, conquistando, em 1959, o título de Doutor em Filosofia e História da Educação.

Araújo Freire (1996) afirma que Paulo Freire tornou-se professor de Língua Portuguesa do Colégio Oswaldo Cruz. E, no Ensino Superior, suas primeiras experiências aconteceram ao lecionar Filosofia da Educação na Escola de Serviço Social e, posteriormente, com o certificado de Livre-Docência, exerceu sua função na cadeira de História e Filosofia da Educação da Escola de Belas Artes. Assim, muitas foram as contribuições de Paulo Freire para a educação, com vários cargos de importância tanto no Brasil como em outros países, além das obras publicadas e da preocupação com a alfabetização do povo.

Nesse contexto, pode-se destacar o trabalho de Freire com a alfabetização de adultos e seu método inovador. O “Método” criado por Paulo Freire está baseado no vocabulário do cotidiano dos alfabetizandos, ligado diretamente a suas realidades e ao contexto social e político em que estão inseridos. A proposta envolve questões que fazem com que os educandos reflitam acerca de sua situação como cidadãos de direitos, e que problematizem as opressões vivenciadas na vida. Um exemplo de projeto para alfabetização de adultos com o “Método Freireano” foi “Quarenta horas de Angicos”, realizado em 1962, na cidade de Angicos/RN, quando foram alfabetizados 300 trabalhadores da agricultura.

No entanto, com o golpe de 1964, suas ideias e práticas libertadoras confrontavam o autoritário governo militar, ocasionando sua prisão e posterior exílio. Segundo o Instituto Paulo Freire, fora do Brasil, Paulo Freire continuou com seus estudos e começou, no Chile, uma nova etapa de sua vida e obra. Como resultado de seu trabalho nesse país, Freire escreveu sua principal obra: *Pedagogia do oprimido* (FREIRE, 2019). Ao voltar ao Brasil, 16 anos depois, ganhou vários prêmios, ensinou em grandes universidades e assumiu cargos de importância no país, como a secretaria de Educação de São Paulo.



Além de *Pedagogia do oprimido*, Freire escreveu muitos outros textos importantes, por exemplo, *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa* (FREIRE, 2019); *Pedagogia da tolerância* (FREIRE, 2018); *Pedagogia do compromisso* (FREIRE, 2018). Outras obras marcaram o trabalho de Freire na educação, por exemplo, *A importância do ato de ler: três artigos que se completam*, que será analisado neste artigo.

Quanto a Mikhail Bakhtin, um pensador russo de relações dialógicas, nasceu no final do século 19, em uma família nobre. Conforme ele mesmo declara em *conversas de 1973 com Viktor Duvakin*, teve uma educação excelente e de qualidade. Ao ser perguntado sobre a formação de um estudioso, Bakhtin faz o seguinte depoimento:

Pode-se dizer que comecei muito cedo a praticar um pensamento independente e a dedicar-me por conta própria à leitura de importantes livros filosóficos. E inicialmente eu era, acima de tudo, apaixonado exatamente por filosofia. E por literatura. Conhecia Dostoiévski já com onze anos, doze anos. E um pouco depois, com doze ou treze anos, já comecei a ler alguns clássicos importantes (BAKHTIN & DUVAKIN, 2012, p. 40).

Bakhtin, na mesma entrevista com Duvakin, preferia ser conhecido como um filósofo, um pensador. Em seus vários escritos são discutidas noções que oferecem ricas contribuições para os estudos da linguagem, como dialogismo, polifonia, cronotopia, gênero do discurso, texto, ideologia, estilo etc. Um dos pilares do pensamento bakhtiniano é o de que toda manifestação de linguagem ocorre em um intenso diálogo, sendo esse diálogo a relação entre discursos e sujeitos. Assim, a linguagem é compreendida como palco de interação entre múltiplas vozes. Nessa relação, segundo o filósofo, até a forma de expressão é dotada de tonalidades dialógicas e ideológicas. Bakhtin pensou a natureza constitutivamente dialógica da linguagem, pois, segundo ele, um enunciado sempre é uma resposta a outro, sendo um elo na grande corrente da comunicação humana. Logo, o dialogismo é aspectos da natureza da linguagem.

A vida de Bakhtin foi marcada por eventos diversos que, de certa forma, influenciaram sua forma de pensar. Por exemplo, a conclusão de uma das etapas de seus estudos ocorreu em 1918, em um clima pós-guerra e marcado por um novo contexto político na Rússia. Em 1930, o filósofo foi condenado ao exílio, suspeito de exercer um discurso impróprio que corrompia os jovens, estando relacionado a questões religiosas e não a escrita, conforme informa Patrick Sériot (2015).

Bakhtin é autor de um conjunto de textos que muito tem contribuído com os estudos da linguagem, incluindo as práticas de ensino de língua. Cabe mencionar os seguintes



escritos: *Os gêneros do discurso* (BAKHTIN, 2016a [1952-1953]); *O texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas* (BAKHTIN, 2016b [1976]), esses textos estão publicados também na coleção *Estética da Criação Verbal* (BAKHTIN, 2011), que traz outros textos importantes para os estudos da linguagem, a saber, *Apontamentos de 1970-1971* (BAKHTIN, 2011a, p. 368-392); *Metodologia das ciências humanas* (BAKHTIN, 2011b, p. 393-410). Além desses, outros textos pertinentes para a discussão do ensino de língua materna são: *Questões de estilística no ensino da língua* (BAKHTIN, 2013 [1940]) e o volume *Questões de Literatura e de Estética: a teoria do romance* (BAKHTIN, 2014). Por sua vez, no livro *Problemas da Poética de Dostoiévski*, Bakhtin (2010 [1929]) desenvolve uma rica discussão em torno do discurso literário, sem deixar de trazer questões referentes aos estudos da língua(gem) de modo mais geral, como aquelas que dizem respeito às noções de dialogismo, relações dialógicas, palavra, autoria.

Por fim, cabe pontuar que Bakhtin não apenas escreveu, mas também exerceu a profissão docente, fazendo da prática de ensino momentos de reflexão e de pesquisa acerca do uso da linguagem, além de comportar uma carga de conhecimentos ricos para a formação da prática linguística, conforme é possível constatar no texto *Questões de estilística no ensino da língua*.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Ensino de língua(gem): um encontro com/entre ideias de Paulo Freire e Mikhail Bakhtin

Pensar o ensino de língua(gem) implica retomar importantes contribuições de teóricos e pensadores que, com seus trabalhos, possibilitaram/possibilitam conceber a língua como instrumento de interação social, pautada no diálogo e nas produções textuais em situações reais/concretas de convívio humano. É nessa perspectiva que este artigo propõe estabelecer uma aproximação, um encontro com/entre ideias de Paulo Freire e de Mikhail Bakhtin sobre o ensino de língua, a partir da leitura das obras: *A importância do ato de ler: três artigos que se completam* de Freire (1989) e *Questões de estilística no ensino da língua* de Bakhtin (2013).

No livro *A importância do ato de ler: três artigos que se completam*, Freire (1989) apresenta inicialmente uma palestra sobre a importância do ato de ler num diálogo entre as relações da biblioteca popular com a alfabetização de adultos. Fica evidente, durante a leitura do livro e em outras obras do autor, sua defesa em favor da criação de bibliotecas populares, pois, segundo ele, é um meio de eternizar, por meio da escrita, a cultura (esquecida e marginalizada) do povo. Já na segunda parte do referido livro, Freire (1989) expõe a



experiência de alfabetização de adultos desenvolvida por ele e sua equipe em São Tomé e Príncipe. Assim, destaca-se seu trabalho com a alfabetização de adultos, revolucionando a forma de ensino, antes infantilizada, para um ensino que fizesse sentido para os alfabetizandos, que fosse ao encontro a suas realidades e ao contexto.

Já no ensaio *Questões de estilística no ensino da língua*, Bakhtin apresenta os procedimentos didáticos e a perspectiva de ensino de períodos compostos por subordinação sem conjunção a partir de uma análise estilística. Cabe lembrar que o período composto é aquele que apresenta mais de uma oração e sua subordinação se dar pela existência de uma relação de dependência entre essas orações. Especificamente, Bakhtin faz uma análise desses períodos sem as conjunções, ou seja, sem o “porque”, “uma vez que”, “como”, “tal qual” etc. Ao pesquisar a produção textual dos estudantes, ele constatou a quase inexistência de períodos sem conjunção. Tomando esse assunto como tema de suas aulas, Bakhtin propõe pensar a escrita criativa, ou seja, promover a individualidade dos alunos em suas produções.

Os dois textos apresentados expõem experiências didáticas que os próprios autores vivenciaram e que se aproximam em alguns pontos. Dentre esses pontos, este artigo destaca: (i) a relação entre professor e aluno; (ii) a gramática e a produção textual do aluno relacionada com a sua realidade e contexto social; (iii) as críticas à mecanização do ensino; (iv) a concepção de leitura e escrita; (v) a palavra como cenário e mundo e a profundidade no ensino.

(i) Relação professor-aluno: dialógica e horizontal

A relação entre professor e alunos, nos dois textos, é dialógica (como diria Bakhtin) e horizontal (como diria Freire). O diálogo acontece quando o estudante se torna um participante real da comunicação discursiva. Ou seja, quando ele tem a possibilidade de se expressar, quando participa ativamente das aulas e assume uma atitude responsivo-ativa. Segundo Freire (1989), o educador que apenas fala e nunca escuta os alunos não contribui para práticas pedagógicas libertadoras e democráticas, e sim para preservação de estruturas autoritárias.

Escutá-los [...] é, no fundo, falar com eles, enquanto simplesmente falar a eles seria uma forma de não ouvi-los. Dizer-lhes sempre a nossa palavra, sem jamais nos expormos e nos oferecermos à deles, arrogantemente convencidos de que estamos aqui para salvá-los, é uma boa maneira que temos de afirmar o nosso elitismo, sempre autoritário (FREIRE, 1989, p. 17).



É nesse sentido que o diálogo se torna emancipador: falar *com* eles é perceber o outro como sujeito de direitos, especificamente o direito de dizer a sua palavra. É essa relação que está presente no trabalho dos dois autores (Freire e Bakhtin), em que as trocas de saberes, de experiências de vida e de valores são perceptíveis, criando os vínculos afetivos, emocionais e psíquicos entre os professores e estudantes. Como também, é nessa direção que a relação horizontal acontece, pois docentes e discentes devem estar em igualdade, nunca de forma vertical ou hierárquica: busca-se a superação da ideia de professor como detentor do saber, que transfere o conhecimento para a cabeça vazia (ou tábua rasa) do aluno.

No texto de Bakhtin, é perceptível essa relação horizontal e dialógica, por exemplo, quando ele inicia a aula com provocações para os alunos, com perguntas, propondo análise de textos, incitando a construção de hipóteses, interpretações, conclusões. Para Bakhtin, ensinar é se colocar na escuta. Ele sempre expõe, no texto, falas como: “os alunos concluem que...”, “eles devem sentir isso...”, “eles perceberam isso...”, “nós concordamos que...”. Ou seja, é uma ação sempre partindo do aluno, da sua voz e da sua produção. Já em Freire, percebe-se essa relação principalmente no incentivo que ele dá a escrita de livros com a cultura oralizada do povo. Freire (1989) afirma que é preciso dar voz a sabedoria popular, e a alfabetização de adultos abre as portas para que eles escrevam sua própria história.

(ii) A gramática, a produção textual do aluno e o contexto social

A relação entre a gramática, o texto produzido pelo aluno e o contexto está presente nas obras dos dois autores. Em Paulo Freire, o adulto alfabetizado pode escrever sua história, as manifestações de sua cultura, possibilitando que outras pessoas, alfabetizando, possam aprender a ler com um material que não seja “doação da palavra dominante” (FREIRE, 1989, p.19). Desse modo, o ensino ocorre com materiais que se aproximam da vivência dos próprios alunos. Segundo Freire (1989), a linguagem e a realidade se prendem dinamicamente, não sendo possíveis produções de textos sem relação com o contexto. Sobre isso, Freire afirma que:

a alfabetização de adultos e a pós-alfabetização implicam esforços no sentido de uma correta compreensão do que é a palavra escrita, a linguagem, as suas relações com o contexto de quem fala e de quem lê e escreve, compreensão portanto da relação entre ‘leitura’ do mundo e leitura da palavra, a biblioteca popular, como centro cultural e não como um depósito silencioso de livros, é vista como fator fundamental para o aperfeiçoamento



e a intensificação de uma forma correta de ler o texto em relação com o contexto (FREIRE, 1989, p. 20).

Freire (1989) destaca também a impossibilidade de um trabalho descontextualizado da gramática. No texto desse autor, é perceptível sua preocupação com o ensino de gramática nos Cadernos de Cultura Popular para alfabetização de adultos em São Tomé e Príncipe. As tarefas destinadas ao ensino de categorias gramaticais sempre estão relacionadas ao contexto em que os estudantes estão inseridos, ao seu ambiente de trabalho, aos acontecimentos do país, às atividades da escola e suas vidas em geral, além de superar as frases isoladas e sem sentido.

Em Bakhtin (2013), percebe-se preocupação similar: críticas a um ensino de gramática descontextualizado, a importância de o aluno ver sentido na produção de textos e o uso dessa produção para a vida. Nessa perspectiva, a gramática descontextualizada é um problema, quando impede uma compreensão mais aprofundada de seu uso. Como ele mesmo constata no ensaio, os alunos sabiam classificar os períodos em textos já prontos, ou orações isoladas, porém, eles não sabiam usá-los em suas produções.

Sem a abordagem estilística, o estudo da sintaxe não enriquece a linguagem dos alunos e, privado de qualquer tipo de significado criativo, não lhes ajuda a criar uma linguagem própria; ele os ensina apenas a analisar a linguagem alheia já criada e pronta (BAKHTIN, 2013, p. 28).

Talvez a grande contribuição das análises estilísticas seja estimular a criatividade do aluno para desenvolver sua individualidade como autor. Mais que isso, é preciso que o estudante encontre na gramática um sentido para sua utilização, compreenda a sua existência e importância para a produção textual. Além disso, na proposta de Bakhtin, ele sempre parte do contexto da sala de aula, da produção dos próprios alunos. Assim, o sentido criado pelo estudante, nesse processo, acontece quando há um uso real da linguagem. Ou seja, quando se tem em mente quem é o interlocutor, os propósitos comunicativos, o gênero discursivo exigido pela ação comunicativa, o papel social que o autor assume ao escrever, ou seja, quando se tem noção da real e complexa situação comunicativa.

(iii) Críticas à mecanização do ensino

A mecanização do ensino é criticada tanto por Bakhtin quanto por Freire. Freire (1989) propõe que a leitura e a escrita de textos não sejam feitas mecanicamente, mas sim de forma crítica e criativa. Ele demonstra, no seu trabalho, uma preocupação em levar textos com



histórias aproximadas as dos alunos, ao contexto social e político da época e do local. Além de dar abertura, sempre, a produção livre dos alfabetizados, para reflexão de sua realidade. O Segundo Caderno de Cultura Popular, que pretende iniciar a pós-alfabetização em São Tomé e Príncipe, revela essa preocupação de Freire:

O Segundo Caderno de Cultura Popular [...] é um livro de textos, escritos em linguagem simples, jamais simplista, com uma temática ampla e variada, ligada, toda ela, ao momento atual do país. O que se pretende com estes textos [...] é que eles se entreguem à curiosidade crítica dos educandos e não que sejam lidos mecanicamente. A linguagem dos textos é desafiadora e não sloganizadora (FREIRE, 1989, p. 23).

Em consonância com essa proposta presente no trabalho de Freire, encontra-se em Bakhtin uma proposta de superação da memorização mecânica, quando leva os alunos a analisar obras clássicas da literatura russa através dos períodos compostos por subordinação sem conjunção. Bakhtin (2013) vai além da forma “tradicional” de ensinar gramática, em que se memorizam mecanicamente nomes de períodos, suas formas e classificações (principalmente a classificação de orações isoladas). Ele afirma que essa aprendizagem deve ser contextualizada, deve passar por uma análise estilística, dentro de textos inteiros e não fragmentados, tanto textos dos próprios alunos como de outros autores, incentivando também a leitura. Sobre as análises estilísticas, ele afirma que:

ao serem realizadas corretamente, essas análises explicam a gramática para os alunos: ao serem iluminados pelo seu significado estilístico, as formas secas gramaticais adquirem novo sentido para os alunos, tornam-se mais compreensíveis e interessantes para eles (BAKHTIN, 2013, p. 40).

Nessa perspectiva de ensino de língua, é preciso que o aluno encontre sentido em suas produções, para que possam desenvolver sua criatividade e individualidade (autoria). Isso é possível quando ocorre a compreensão do funcionamento dos efeitos de sentidos decorrentes do uso da língua, que motiva o estudante a usar os elementos linguísticos de modo consciente, em contextos reais de interação humana.

(iv) A relação entre leitura e escrita

Nos escritos de Bakhtin e de Freire, constata-se o que a leitura e a escrita são trabalhadas inseparavelmente, considerando o protagonismo do aluno em suas práticas. Para Bakhtin, as práticas de ensino de texto eram concebidas a partir da leitura e análises



estilísticas de textos e frases em conjunto com os alunos, proporcionando uma aprendizagem efetiva e autônoma. A partir da leitura e da análise estilística, eram apresentadas aos alunos possibilidades de escrita elevada e vivência coloquial. Assim, a abordagem estilística oferece uma composição nova ao ensino, proporcionando aos discentes aquisição de novos saberes linguísticos.

Em se tratando da perspectiva Freireana, as práticas pedagógicas eram organizadas por meio de cartilhas que, com a leitura de temas e de palavras geradoras, ensinavam muito mais do que escrever e ler mecanicamente. Além disso, a leitura estava relacionada ao conhecimento real e às vivências cotidianas dos alunos, instigando uma aprendizagem significativa e proveitosa. Segundo Freire, “a insistência na quantidade de leituras sem o devido adentramento nos textos a serem compreendidos, e não mecanicamente memorizados, revela uma visão mágica da palavra escrita. Visão que urge ser superada” (FREIRE, 1989, p. 12).

Como visto, Bakhtin e Freire apresentam concepções de ensino de língua que colocam o aluno como protagonista do seu processo de ensino e aprendizagem, pautando as práticas metodológicas de leitura e escrita nas vivências do real. Além disso, valorizam fatos e acontecimentos do cotidiano, importando-se com cada dúvida e pergunta expostas pelos discentes. Nessa perspectiva, o conhecimento é construído de forma contínua e em diálogo.

(v) Palavra enquanto cenário e mundo e o ensino com profundidade

Para Bakhtin e Freire, a palavra não pode ser compreendida apenas enquanto unidade da língua, como sendo dotada de significado único. Com base na concepção bakhtiniana, a palavra é concebida como cenário de possibilidades de sentidos. A palavra é signo ideológico. Ela ganha sentidos no uso em discursos reais, em enunciados concretos.

Nessa conjuntura, para Freire, na palavra encontramos um mundo, ampliando a sua capacidade de uso e significados, além de sua aplicação diante de cada discurso. Sendo assim, os assuntos sempre estarão inacabados, visto que o que é falado hoje possui um significado, entonação e aspectos únicos desta fala, estando sujeito a mudanças no falar de amanhã.

Salienta-se ainda que outro aspecto importante norteado nesta relação entre os autores seria a profundidade no ensino, tendo em vista que as práticas de leitura e escrita da palavra devem estar paralelo ao uso real. No dicionário, o termo “profundidade” esta associado a distância da superfície, mas também como caráter de profundidade nas ideias. Com isso, o ensino de língua deve levar ao aprofundamento de sentidos, a partir de textos reais, buscando o



desenvolvimento do pensamento crítico, compreendendo como essencial a participação ativa no processo de construção do conhecimento. Segundo Bakhtin (2013), todo conhecimento pode ser mediado de forma compreensiva e animada com a participação dos alunos.

[...] Do mesmo modo que as análises estritamente gramaticais podem ser tediosas, os estudos e exercícios de estilísticas podem ser apaixonantes. Mais do que isso, ao serem realizadas corretamente, essas análises explicam a gramática para os alunos ao serem iluminadas pelo seu significado estilísticos, as formas secas gramaticais adquirem novo sentido para os alunos, tornam-se mais compreensíveis e interessantes para eles (BAKHTIN, 2013, p. 40).

Diante disso, é possível um ensino de língua que seja interessante para os alunos, que faça sentido. Para Bakhtin, e também para Freire, tornar o ensino interessante, significativo, com profundidade, é possível, a partir de uma concepção dialogica de ensino, de língua e de sujeito, tendo as situações reais como pontos norteadores do alicerce principal da construção do conhecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nas discussões empreendidas no decorrer deste artigo, foram aproximadas ideias de Paulo Freire e Mikhail Bakhtin, com o objetivo de estabelecer um encontro com/entre as ideias desses dois pensadores, mais precisamente a partir das obras *A importância do ato de ler: três artigos que se completam* de Freire (1989) e *Questões de estilística no ensino da língua* de Bakhtin (2013). A partir da leitura dos dois textos analisados, este trabalho destacou os seguintes pontos: (i) a relação entre professor e aluno; (ii) a gramática e a produção textual do aluno relacionada com a sua realidade e seu contexto; (iii) as críticas à mecanização do ensino; (iv) a relação entre leitura e escrita; (v) a palavra como cenário e mundo e a profundidade no ensino.

Entre outros aspectos, as ideias de Bakhtin e Freire mostram que as práticas de ensino precisam estar ligadas à pesquisa da própria escrita dos alunos e à interatividade entre os sujeitos, priorizando metodologias que promovam o desenvolvimento pleno das capacidades dos estudantes. Em outros termos, o ensino de língua precisa partir de textos reais, produzidos como enunciados reais, em situações concretas de uso da linguagem. A leitura dos escritos de Freire e Bakhtin mostra que uma boa escolha metodológica aguça a criatividade e promove a participação dos alunos, contribuindo diretamente para a formação significativa e afetiva dos sujeitos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem.



REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. M. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. Tradução: Paulo Bezerra. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010 [1929].
- BAKHTIN, M. M. Apontamentos de 1970-1971. In: BAKHTIN, M. M. **Estética da Criação Verbal**. Tradução: Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011a, p. 368-392.
- BAKHTIN, M. M. Metodologia das ciências humanas. In: BAKHTIN, M. M. **Estética da Criação Verbal**. Tradução: Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011b, p. 393-410.
- BAKHTIN, M. M.; DUVAKIN, V. **Mikhail Bakhtin em diálogo – Conversas de 1973 com Viktor Duvakin**. 2. ed. São Carlos: Pedro & João Editores, 2012.
- BAKHTIN, M. M. **Questões de estilística no ensino da língua**. Tradução: Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2013 [1940].
- BAKHTIN, M. M. **Questões de Literatura e de Estética: a teoria do romance**. Tradução: Aurora Fornoni Bernardini [et al]. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.
- BAKHTIN, M. M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. M. **Os gêneros do discurso**. Tradução: Paulo Bezerra. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2016a [1952-1953], p.11-70.
- BAKHTIN, M. O texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas. In: BAKHTIN, M. M. **Os gêneros do discurso**. Tradução: Paulo Bezerra. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2016b [1976], p. 71-107.
- FREIRE, P. **A importância do ato de ler: três artigos que se completam**. 23º ed. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.
- FREIRE, P. **Pedagogia do compromisso: América Latina e Educação Popular**. Organização de Ana Maria Araújo Freire. 1º ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.
- FREIRE, P. **Pedagogia da tolerância**. 6º ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Paz e Terra, 2018.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 59 ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 69 ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019.
- GADOTTI, M. (org.). **Paulo Freire: uma biobibliografia**. São Paulo: Cortez, 1996. Disponível em: <http://acervo.paulofreire.org:8080/jspui/bitstream/7891/3078/1/FPF_PTPF_12_069.pdf> Acesso em: 05 agosto 2020.
- HORN, S. R. N.. **Heteroglossia Bakhtiniana: estratégias discursivas no texto para criança**. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/viiiicnlf/anais/caderno05-13.html>> Acesso em: 31 de julho de 2020.
- SÉRIOT, P. **Volosinov e a filosofia da linguagem**. Tradução de Marcos Bagno. 1 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.